

# ESPAÇOS AFRICANOS NA CONFIGURAÇÃO DE UMA NOVA UTOPIA EM NARRATIVA PEPETELIANA

Kelly Mendes Lima (USP)<sup>1</sup>

**Resumo:** Em seu livro *O quase fim do mundo* (2008), o angolano Pepetela cria um reinício para a humanidade com poucos sobreviventes africanos a uma hecatombe mundial. A partir das viagens e suas motivações e consequências ao longo do enredo, propomos analisar traços de uma nova utopia para o autor. A nosso ver, a reflexão pepeteliana ultrapassa a questão de uma comunidade igualitária, aos moldes comunistas; abrange também a necessidade de se pensar um projeto para o país e/ou para África a partir do resgate da História, modelos e valores de suas próprias culturas.

**Palavras-chave:** literatura angolana; utopia; território africano.

## Breve panorama da utopia libertária em Angola

Ainda que sob domínio português desde o final do século XV, Angola passa a apresentar resistência e enfrentamento mais intensos e sistematizados somente a partir de meados do século XIX; em princípio, por meio de periódicos clandestinos, autoafirmação e questionamentos mais ou menos diretos quanto ao poder colonial foram os principais recursos. Já no século XX, será a vez da famosa Casa dos Estudantes do Império (CEI) e de movimentos literários irem trabalhando a situação até receberem apoio do que seria a luta armada.

Nesse período, o sonho de uma Angola livre, autônoma, soberana ganha contornos de um projeto socialista, principalmente por conta da CEI, “que viria a desenvolver uma ampla actividade associativa ao longo de vinte anos de existência. Nela passaram a desaguar, vindos de todas as colónias portuguesa da África, da Ásia e da Oceânia, estudantes das várias raças, religiões e credos políticos” (Ervedosa s/d: 95).

---

<sup>1</sup> Mestre pela área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade de São Paulo. E-mail: [kellyml@usp.br](mailto:kellyml@usp.br).

Juntos, esses jovens transformaram a Casa, de “espaço inicialmente associativo dos estudantes africanos em Portugal”, a “lugar [de] muitas discussões sobre a questão colonial e a decorrente situação dos países colonizados (...) [O]s estudantes discutem a elaboração de projetos para a libertação de seus países” (Chaves 1999: 43). Acrescentemos ainda que ali “puderam travar contato com os partidos da esquerda europeia, principalmente com os Partidos Comunistas<sup>2</sup>. Aproximação fundamental para a organização político-ideológica dos incipientes movimentos de libertação” (Peixoto 2006: 11-2). Em meio e a partir de formação, discussões e propostas, escrevia-se e publicava-se, inclusive produções de movimentos em Angola (como a Coleção Autores Ultramarinos, a partir de 1958, conforme Ervedosa s/d: 130).

Em paralelo, porém em consonância, além-mar eclodia o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (1950), um movimento propriamente literário vindo na esteira de outro, o Vamos Descobrir Angola! (1948). Este, em contraposição ao que os angolanos escolarizados haviam aprendido na educação formal – educação colonial portuguesa, voltada exclusivamente para a metrópole, de forma que, por exemplo, “sabiam com precisão todas as datas de todas as façanhas dos monarcas europeus, mas nada sobre a rainha Nzinga ou o rei Ngola” (Ervedosa s/d: 101-2) – propunha que se conhecesse sua própria cultura.

Por sua vez, o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola fará seu quinhão na literatura, principalmente na poesia, cujas temáticas mais salientes contavam com a infância (período inocente vivido em cidades ainda imaculadas), os povos angolanos (e suas línguas) e seus espaços. Sua posição “ousada” acabaria por incomodar a metrópole, que o fez desintegrar-se por meio da repressão policial. No entanto, ainda que sorratamente, a produção não cessava.

De qualquer forma, grande parte desses jovens “acabaria por se reunir, mais tarde, não à volta de um movimento cultural, mas já sob a bandeira de um movimento político, o MPLA [Movimento Popular pela Libertação de Angola]” – o qual recebia armamento e até militares de Cuba, da URSS e do Partido Comunista Português<sup>3</sup>, assim como enviava membros seus para se formarem nesses países. Com este envolvimento, o estouro da luta armada<sup>4</sup> e a fuga de estudantes<sup>5</sup> para compor o Movimento Popular de Libertação de Angola, a literatura deslocou-se: passou a ser a “literatura de *maquis*”<sup>6</sup> (Ervedosa s/d: 138). Assim, sua produção passa a ser na

---

<sup>2</sup> Em 1922, por exemplo, “o problema negro” foi tema da Terceira Internacional, que o considerou “uma questão vital da revolução mundial”, na medida em que a “luta internacional da raça negra é uma luta contra o capitalismo e o imperialismo” (Andrade 1998: 178). Em 1928, relações formais entre movimentos africanos e movimentos comunistas iniciaram (cf. Andrade 1998).

<sup>3</sup> Também os países capitalistas apoiaram alguns movimentos. Em Angola, por exemplo, os Estados Unidos ajudaram a UNITA e a FNLA.

<sup>4</sup> Em 4 de fevereiro de 1961, ocorreu o assalto a prisões de Luanda para a libertação de presos políticos. O episódio marca o início da Luta Armada de Libertação.

<sup>5</sup> Feito conhecido como Fuga dos 100, ocorrido em junho de 1961. Após o estouro da luta armada, cerca de cem estudantes da Casa do Império, sob a possibilidade de envio para lutar ao lado da metrópole, evadiram Portugal e juntaram-se aos movimentos de libertação.

<sup>6</sup> Maquis era o tipo de vegetação predominante que serviu de palco para lutas de libertação.

guerrilha - e também em prisões e exílios; a luta, para além das letras, passava a contar com armas, mas não deixaria de ser relevante: várias das principais obras da literatura angolana são desse período, como *Mayombe* (Pepetela) e *Luuanda* (Luandino Vieira).

Nesse cenário, o mais importante para o presente artigo é observar que o sonho trabalhado na literatura e procurado na prática está emparelhado ao socialismo; podemos resumi-lo, *grosso modo*, com trechos do hino do Movimento: “Sob a bandeira do MPLA/nossa luta contra a opressão/para o povo triunfará /nós fazemos a revolução/Do teu solo ora regenerado/pelo sangue mártir dos teus filhos/brotará, oh pátria querida/novo mundo, uma nova vida” (MPLA 2012). E quando da independência e do alçamento ao poder da nação (1975), transformado em Partido, pouco depois, em 1976, no contexto da Guerra Fria, o MPLA alia-se expressamente a Moscou e afirma-se como partido marxista-leninista, o que perdurará até 1990.

Assim, durante o enfrentamento do colonialismo e a independência (e até mesmo a guerra civil, de 1975 a 2002), a literatura mostrou-se como campo de apresentação e discussão de utopias socialistas no sentido *lato* e utopias comunistas propriamente, mas, em geral, inveteradamente com o cenário de uma Angola soberana, igualitária e em paz.

### Viagens por África

O romance angolano *O quase fim do mundo* (2008), ainda que esteja no bojo de discursos de massa por conta de sua temática escatológica, não deixa de problematizar a realidade. Seu autor, Pepetela - que fora membro da CEI, atuante do MPLA e membro do governo no pós-independência -, afirma em entrevista que esse livro era para ser “uma ficção onde me sentisse livre de inventar o que me desse na gana”, sem intenções necessariamente pedagógicas nem críticas à sociedade, mas que não saíra assim tão “ingênuo”, afinal, conforme continua o escritor, “como sou um cidadão preocupado com os rumos do mundo, é evidente que essas preocupações [os atuais caminhos da humanidade] aparecem” (Pepetela 2008b).

Assim, a história de um reduzido grupo de sobreviventes à volatilização das espécies de animais apresentará um reinício da humanidade, que, ao menos em princípio, permite a instauração de uma sociedade sem os problemas da anterior, uma sociedade utópica, na medida em que se “particulariza e corrige os mecanismos sociais que regem as relações entre os indivíduos e a coletividade” (Paquot 1999: 6). Nesse sentido, é saliente, por exemplo, a justa igualdade entre os indivíduos, já que tudo está ao alcance de todos, sem necessidade de dinheiro, joias, propriedades e afins.

No entanto, o fim da exploração do homem, a justiça, a igualdade, o tempo disponível para o desenvolvimento do ser - objetivos básicos de utopias em geral e, *grosso modo*, das derivadas do marxismo - não serão o suficiente para garantir um

modo de vida ideal. O autor, consciente e crítico dos acontecimentos históricos, traz à tona outras necessidades, as quais, a nosso ver, podem ser apreendidas de características e motivações para viagens e deslocamentos realizados pelo pequeno grupo de sobreviventes ao longo do enredo.

As personagens centrais surgem ao leitor pela instância narradora ou por autotestemunho desde o momento em que se vêem solitárias em locais onde deveria haver outras pessoas e passem então a andar, dirigir ou pilotar em busca de outrem. Será pela convergência de rotas que doze indivíduos se encontrarão na (fictícia) cidade de Calpe, localizada na África Austral, e poderão juntos descobrir o que levara ao desaparecimento de milhares de habitantes e iniciar uma nova sociedade.

Esse primeiro período de andanças, de deslocamentos que se tornam centrípetos a partir de diferentes regiões africanas, é o fator narrativo responsável pelo encontro de diversas culturas num mesmo lugar e, a nosso ver, um traço utópico na obra. Trata-se da opção pelo multiculturalismo, entendido como um “equilíbrio de forças”, em que se procura abarcar contribuições culturais de toda ordem sem predominância ou maior valorização de uma ou outra (conforme discussão de Mata, 2010, informação verbal).

Assim, tal qual em *Mayombe*, em que há “uma reunião simbólica de indivíduos e etnias diferentes do país”, também em *OQFM* Pepetela o faz. A diversidade está posta e se constrói a partir dela; “dito de outra forma: a energia que provinha da diferença desses universos-ilhas alimentava o conjunto de uma totalidade dialética sonhada pelo escritor” (Abdala Jr 2003: 24).

Emblemático é o caso de um etíope e uma somali, membros de povos historicamente inimigos entre si, que têm a possibilidade de reiniciar as relações de uma outra forma, até porque dependem um do outro (e igualmente dos demais) para a sobrevivência. Pela convivência relativamente tranquila e necessária, podem, inclusive, aproximar-se pelo desejo. Será a partir de Riek, o etíope com cerca de 50 anos, curandeiro tradicional, de vestes simples e longos cabelos e barbas, e da somali Ísis, uma jovem historiadora de hábitos e pensamentos modernos, que nascerá a primeira criança da nova humanidade. Conforme Dutra,

numa referência a textos de teóricos pós-coloniais, como Edward Said e Homi Bhabha, constata-se que as diferenças entre as personagens comprovam que o conceito de identidade pura é inexistente e que, por isso, deve-se valorizar o multiculturalismo resultante do hibridismo, o contato e o diálogo entre as diversas culturas que integram a África (Dutra 2009: 4).

A diversidade cultural e, dialeticamente, a unidade do grupo são então fortemente apresentadas. Pelo nosso autor, o grupo sobrevivente tenderia à coesão, a despeito de diferentes origens étnicas e linguísticas. Ainda que em *OQFM* não pareça estar presente a tão cara ideia de nação, já que não existem mais fronteiras nem Estado, julgamos pertinente a seguinte passagem de Lugarinho, a respeito da

“alegoria da nova nação emergindo dos conflitos da guerra colonial e das disputas internas pelo poder”, presente primeiramente em Luandino Vieira e depois em Pepetela e outros autores: “A nação angolana é gerada através de uma multidiversidade cultural capaz de colocar-se acima das diferenças internas, dando origem, portanto, a uma unidade nacional uniformizada e, portanto, utópica” (Lugarinho 2007: 304). Aqui, é a vez de a nova humanidade ser construída assim<sup>7</sup>.

Outro item simbólico pode ser encontrado nas refeições do grupo: via de regra, reúne-se para *comer*, o que nos remete ainda ao sentido etimológico do verbo: *cum + edere*, ou seja, comer junto de outras pessoas, em comunhão. Ao realizarem as refeições em conjunto, há o reforço da união do grupo. Antropologicamente, “comer acompanhado (...) coloca necessariamente o indivíduo diante do grupo, usando-se o ato de comer como veículo para relacionamentos sociais: a satisfação da mais individual das necessidades torna-se um meio de criar uma comunidade” (Moreira 2010).

Na esteira da diversidade em união, é significativa ainda a inserção da tradição junto à modernidade, que pode ser exemplificada por haver, por um lado, o médico Simba Ukolo, “perfeito acadêmico” (Pepetela 2008a: 99), com suas pesquisas em laboratórios, e, por outro, Riek, cuja “especialidade era tratar a infertilidade dos casais, com ervas e muitas manipulações de palavras e fumos, um curandeiro, numa palavra” (Pepetela 2008a: 142).

Enfim, em se tratando da elaboração – mais ou menos sistematicamente – de um novo projeto de sociedade, o autor parece reforçar as condições que julga necessárias para a coesão de um grupo (apenas ou que se queira como nação, por exemplo). Os deslocamentos iniciais revelam-se assim como busca da alteridade – africana –, que por sua vez se apresenta múltipla e igual em valor. Uma vez trabalhadas em conjunto, acabam por ser a base da criação coletiva de um novo modo de vida.

Se, por um lado, a hecatombe permite redesenhar o presente e reprojeter o futuro (ou ao menos suas expectativas), por outro, também o permite quanto ao passado – e o grupo pepeteliano verbaliza a consciência da formação de uma nova História e da importância da cidade em que vivem, já que Calpe foi “tornada capital mundial e portanto cidade guardiã dos maiores segredos da humanidade” (Pepetela 2008a: 376-7). A História que seria então repassada passaria por aqueles primeiros indivíduos desse novo tempo, como depositários do conhecimento futuro – e, lembremos, são, com uma única exceção, africanos –, dentre os quais está Ísis, uma

---

<sup>7</sup> Angola sabe bem os problemas derivados de conflitos étnicos, até mesmo, por exemplo, o Movimento Popular de Libertação de Angola, o MPLA, sofria internamente com tópicos dessa ordem. Vale lembrar de acontecimento de 1962: Viriato da Cruz ocupava a presidência do Movimento quando Agostinho Neto retorna, após exílio, e é escolhido para substituir aquele, o que acabou gerando uma certa insatisfação interna e consequentes desligamentos. O resultado que elevou Neto parece ter sido, na verdade, fruto de uma tentativa de “equilibrar (...) facções em que se misturaram a cor, a tribo, a religião também” (Pereira 2005: 94), elementos que colocavam em risco a unidade e a sobrevivência, portanto, do Movimento.

historiadora lúcida e crítica, ligada, portanto, ao passado, mas que “só pode ser presente e futuro, todos os futuros” (Pepetela 2008a: 131). Destarte, não se resgatará “necessariamente o que ficou de um passado cristalizado por aquilo que Bakhtin denomina 'cultura oficial', mas, sim, o que os viajantes elegerão para ser recordado e recuperado no futuro pela memória coletiva, numa revisão crítica e revitalizadora da história” (Dutra 2009: 6).

Nesse sentido, os locais visitados e que, portanto, ficariam registrados na memória coletiva e no romance (este como um documento para a posteridade<sup>8</sup>) são emblemáticos. Essas viagens fazem parte de um segundo momento em que movimentos espaciais estão concentrados. Trata-se de quando as personagens viajam rumo à Europa, a fim de confirmarem as suspeitas de a “coisa” também lá ter acontecido, procurarem respostas para a situação e inflitirem aos EUA em busca da família da personagem Janet Kinsley, além de, conforme comentado, modificarem o que ficaria como o passado do grupo – “O melhor era guardar na memória coisas que os homens tinham feito há mais de três mil anos, verdadeiras joias. Desse mundo que tinha terminado, parecia só eles terem ainda a capacidade da memória, havia que enriquecê-la” (Pepetela 2008a: 310).

Antes de chegar ao outro continente, no entanto, o grupo é obrigado a aterrissar em países de África, para que possa descansar, alimentar-se, reabastecer os aviões e, claro, conhecê-los. Dessa feita, passam por Nairobi (Quênia), Addis Abeba (Etiópia), Cartum (Sudão), Cairo e Luxor (Egito) e Bengazi (Líbia). A escolha por tais espaços, a nosso ver, pode refletir uma outra proposta do autor: a de África repensar a si a partir de elementos próprios.

Dessa forma, Addis Abeba destaca-se por sua importância no cenário africano: foi palco, em 1963, da criação da Organização da Unidade Africana (OUA) e, mesmo com a substituição desta pela União Africana (UA), em 2002, continua como sua sede. Cartum, por sua vez, é conhecida como cenário de várias reuniões do gênero, como da OUA (1978), da UA (2006) e da Liga Árabe (2006)<sup>9</sup>. Em suma, ambas associadas a propostas e tentativas de África refletir sobre si e de cooperação mútua entre os países.

No caso de Nairobi, um fato histórico a situa internacionalmente e pode justificar sua referência: recebeu a 19<sup>a</sup> sessão da Conferência Geral da Organização

<sup>8</sup> Ao final do romance, “Ísis mostrara preocupação pela memória futura, deixar um registo para que gerações a seguir pudessem conhecer o que conosco aconteceu. Cheia de razão (...) Um dia alguém de nós teria de fazer esse registo, imprimindo-o em algo tão durável como a pedra. Gravei em cera de lágrimas espalhadas sobre montanhas de névoa eterna. Vai por isso durar muito tempo, até poder ser lido, um dia” (Pepetela 2008a: 381-2).

<sup>9</sup> Não obstante o reconhecimento de sua simbologia na história da formação de políticas africanas próprias, há de se ressaltar que, em *OQFM*, Cartum é descrita àquela altura com traços disfóricos, a exemplo da falta de eletricidade, o que implicava cheiros nauseabundos por conta do estado de putrefação dos alimentos e dificuldade de se encontrar meios de subsistência. A nosso ver, a ressalva pode estar relacionada a uma visão mais ampla do escritor: ainda que reconheça o papel da região, o governo sudanês tem sido acusado de contrariar os interesses da população e, por consequência, a Carta Africana dos Direitos e dos Povos (conforme convenção da OUA, 1981).

das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a partir da qual formalizou-se a importância da manutenção de patrimônio histórico para suas culturas, em particular, e para a humanidade. Diante de movimentos emancipatórios (a sessão ocorreu em 1976), contra descaso e preconceito quanto ao Outro, o documento pregou o direito a e o dever para com as manifestações que formam a identidade de todo e qualquer povo.

A valorização de aspectos histórico-culturais da humanidade – em geral desprezada (principalmente se de povos subjugados), daí a necessidade de legislar, como no caso do IPHAN – aparece de forma ainda mais forte quando das incursões do grupo pelo Egito, onde ficam por mais tempo e discursam sobre elementos de sua História. Há referências, por exemplo, ao Vale das Rainhas e, em especial, ao templo de Hatshepsut, “rainha da 18ª dinastia, no século XV antes da nossa era, [que] governou efectivamente como se fosse um autêntico faraó. Por isso é considerada a primeira mulher chefe de governo na História da Humanidade. Sabiam? Nem eu” (Pepetela 2008a: 313), assim como a

Seti I, um dos maiores reis do Egito, o conquistador da Síria, vencedor dos Hititas e pai do grande Ramsés II. Entre centenas de outras essa é uma das maravilhas da região. No Vale dos Reis estão os túmulos dos faraós dessa época fabulosa em que um Estado africano era o mais poderoso e avançado do mundo (Pepetela 2008a: 302).

Coloca-se, portanto, uma visão de África (ali metonimizada pelo Egito) com a qual não se costuma (ou não se deixa) encontrar; são vozes falando do que lhe é próprio, resultantes “da força de um olhar [no caso, pepeteliano] que, deslocando-se do sul para o norte, procura inverter o sentido histórico e hegemônico daquelas 'viagens' cuja rota partia do norte para o sul”, são vozes que lutam “para reverter não apenas a violência colonizatória, mas a sua resultante talvez mais perversa: o silenciamento de suas formas simbólicas, culturais e artísticas” (Padilha 2009: 49-50) e, explicitemos, históricas.

O pesquisador Dutra corrobora:

tanto Calpe, metonímia da África, quanto os locais visitados tornam-se imprescindíveis à perpetuação da memória uma vez que podemos inseri-los dentro de uma dimensão material, simbólica e funcional. Tais lugares se revelam, inicialmente, através de sua materialidade, concretude e instauração no tecido físico da cidade. Num segundo olhar, todavia, remetem ao plano das representações, uma vez que correspondem à visão e às expectativas do grupo de sobreviventes alçados à totalidade de grupo social. Finalmente, se expressam em sentido funcional por terem a função de garantir a construção de novas identidades, incluindo, construindo memórias e, conseqüentemente, excluindo e promovendo esquecimentos de um espaço outrora

hierarquizado por forças já não mais existentes (Dutra 2009: 6).

Após resgate e registro de elementos de África no repertório do grupo e na formação da História, retomam rumo à Europa, mas antes passando ainda por Bengazi, na Líbia: "... seria o último ponto do continente africano que tocavam. Começavam então as saudades" (Pepetela 2008a: 315). O continente africano como um espaço acolhedor e pelo qual se estima é ainda reforçado pelo receio quanto ao "mau tempo da Europa", revelado pelo aviador Jan: "Aqui em África não há problemas, sobretudo a partir de agora - confidenciou Jan. - Tenho medo é do mau tempo da Europa. Vamos chegar lá em época de chuva e tempestades" (Pepetela 2008a: 300).

De qualquer forma, a despeito do acolhimento disfórico na Europa, metaforizado pelo clima, há uma "vantagem" significativa para o grupo: como tudo indicava que não havia qualquer vida animal fora de África, entrar e sair em países europeus não mais exigiriam vistos, passaportes e qualquer possibilidade de negativas. A fortaleza de Schengen - apelido do Tratado de Schengen, assinado em 1985 e aplicado nove anos depois, que estimula a livre circulação de pessoas entre os países europeus assinantes, ao mesmo tempo em que dificulta a entrada de indivíduos oriundos de outros lugares - então não mais existiria. A ironia é tamanha que consideram a possibilidade de comemoração com champanhe:

Durante anos fizeram tudo para impedir que entrássemos. Era difícil arranjar um visto, cada vez mais perguntas e provas disto e daquilo, revistas de bagagem e de todos os orifícios do corpo. (...) Comemoramos então a vitória sobre o medo europeu. Temiam que poluíssemos, talvez sujar-lhes o ADN, fazer filhos escuros enquanto eles eram cada vez mais renitentes em fazê-los, claros ou escuros que fossem. Afinal, eles estão não sei onde e somos nós que vimos repovoar a Europa. (...) Merece de facto ser comemorado... (Pepetela 2008a: 318).

O continente recebe então um "revide". No entanto, haverá mais a se ganhar/perder por ali: trata-se das informações sobre o verdadeiro motivo para a hecatombe e, por consequência, de um conhecimento que repercutirá no grau de conscientização dos africanos a respeito de si mesmos.

Será primeiro em Roma e depois em Paris (na região da Torre Eiffel) que verão dizeres sobre a situação, incitando aos sobreviventes a ida a Bradenburgo, na Alemanha<sup>10</sup>. Lá, próximo ao *bunker* de suicídio de Hitler, encontram um manuscrito

---

<sup>10</sup> Há de se referir à "provocação" com a escolha desses locais: por exemplo, a primeira pista a respeito da "coisa" é recebida justamente no Vaticano: "Ao se aproximarem [da basílica] puderam ler numa coluna, escrito em inglês: 'Se quer conhecer o que aconteceu ao Mundo.' Na outra coluna estava escrito: 'Vá às portas de Bradenburgo em Berlim.'" (Pepetela 2008a: 324). Já a explicação para o colapso, causado por uma associação entre religião, tecnologia e poder, é entreaberta justamente em lugar outrora associado ao cenário de sua execução.



explicando toda a situação: numa tentativa de eugenzar o mundo, um grupo de radicais político-religiosos criou e aplicou um artefato; porém, o resultado do extermínio programado da maior parte da humanidade tem efeito adverso: os mortos incluem os previstos (os “impuros”) e os exatamente não-previstos (europeus brancos “puros” de determinada religião), com exceção dos esquecidos, a saber, sintomaticamente alguns seres humanos de parte de África; é a única porção do planeta que resistiu à ação da arma de destruição em massa por ter sido menosprezada, “Talvez pela pouca importância que se deu a África, é possível que aí o impacto não seja o suficiente e que alguns seres vivos possam sobreviver” (Pepetela 2008a: 344).

Enfim, a viagem pela Europa acaba por escancarar aos sobreviventes a visão tida sobre eles por parte de grupos dominantes daquele continente e de “sócios” estadunidenses. As razões que justificam a situação atual (sofrimento, perdas, mas também sua sobrevivência) serão descobertas nesse momento.

Se, por um lado, entendem efetivamente o descaso para com África, por outro, é possível usar a situação a seu favor: afinal, África passa a ter relevância no cenário por ter sido esquecida e escapado. Nesse sentido, parece-nos instigante um paralelismo do fato de ter havido alguns “buracos” no alcance do Feixe com reflexões do sociólogo J. L. Cabaço. Em “Globalização ou recolonização”, discute sobre as novas facetas da colonização, desta vez disfarçadas de globalização, e formas para evitá-las ou se ter domínio sobre elas. Apesar de reportar-se a Moçambique, podemos pensar em África de modo geral; escreve:

O processo de exclusão e a debilitação dos aparelhos estatais permite o aparecimento de áreas sociais e geográficas onde a presença global se faz sentir de um modo muito atenuado. É certo (...) que o império pretenda cobrir estes espaços através da intervenção das ONGs e organismos religiosos, mas o facto de que a estas instituições falta uma autoridade legitimada e o poder de coacção que caracterizava a acção dos estados permite a existência de áreas às quais, tomando o tipo de terminologia da luta de libertação nacional, se poderia chamar de ‘semiocupadas’. Ao estado e à sociedade civil em formação nos países de periferia compete aprofundar o conhecimento e pesquisar as oportunidades de desenvolvimento económico e social endógeno de cada um desses espaços. (...) Em simultâneo com os progressos que se venham a registrar no sector moderno da economia de Moçambique, é nas áreas ‘semiocupadas’ que se podem consolidar valores genuínos e saberes locais capazes de dialogar com as culturas globais e onde se pode ensaiar e estimular um processo de apropriação da modernidade que resulte de exigências endógenas e reais da comunidade (Cabaço s/d: 20-21).

Assim, uma forma de se lutar contra uma nova colonização estaria no

aproveitamento dos locais não completamente atingidos por influências externas, os “buracos”, para reforçar e revalorizar a cultura autóctone e, então, conformar os modelos internacionais a ela. Para Cabaço, é a forma possível para se evitarem o ocaso e o uso de seu país por outros no cenário da globalização. Em Pepetela, é devido aos “buracos” na rede do Feixe – os lugares esquecidos e, portanto, não completamente atingidos por sua ação –, que África deixou de estar à margem e de ser abusada.

Ironicamente, este continente, ignorado em seus valores e abusado em suas riquezas, é que terá seus membros com livre acesso e domínio de onde quiserem. Podem, por exemplo, entrar na Europa sem visto nem passaporte. Podem até mesmo definir a História que se transmitirá para as futuras gerações, já que Calpe, como citado anteriormente, foi “tornada capital mundial e portanto cidade guardiã dos maiores segredos da humanidade” (Pepetela 2008a: 376-7)

Como consequência, África passa a ter valor axial para o reinício da humanidade. Se o teve para esta, também o teria para a seguinte. Pelas palavras da personagem Janet:

Tudo indica que uma pequena parte de vida escapou em África porque, como sempre, ela foi desprezada, pouco digna de ser levada a sério e pouparam aí nas armas, quando podiam ter atirado mais uma em cima. Será a razão real. Mas... não será também porque em África começou a humanidade? Tinha de ser também aí que ela devia recomeçar (Pepetela 2008a: 373).

Isso é significativo, pois deste continente decorrerão aqueles que habitarão os outros, a começar pelo europeu, em especial por Paris, a “capital mundial da cultura”. O primeiro membro a nascer no mundo novo será uma criança negra filha de uma somali com um etíope de características tradicionais e, ao que tudo indica, de padrasto ex-ladrão com tendências políticas comunistas!

A esse respeito, é significativo, por exemplo, o fato de a língua utilizada pelos membros do grupo ser o *suahili* – vale aqui outra citação de Dutra:

(...) é importante frisar a preocupação de Pepetela em não se fixar apenas na África banto, em que Angola se insere, mas apontar sua multiplicidade (...) Em *O Quase fim do mundo*, essa pluralidade se dá no fato de todos se comunicarem, ao menos minimamente, em *suahili*, idioma falado por milhões de habitantes nos países que constituem a União Africana [sic], como Quênia, Tanzânia, Uganda, Congo, Ruanda, Burundi, Somália, Moçambique, Ilhas Comores, além de ser o único com raízes exclusivamente africanas (Dutra 2009: 3).

Paralelamente à valorização interna de uma língua africana – e não da de algum colonizador, como o português –, há este fator ali posto: é uma língua de uso

franco, sem “dono” que seja de um grupo ou outro. Com essa escolha há um novo reforço para a unidade do grupo sem sobreposição de valores – se, por um lado, a diversidade linguística praticamente desaparece, por outro, se ganha com a coesão. O antropólogo Marcelo Pinto, por meio de pesquisas e entrevistas sobre Angola, conclui que é justamente a língua que “constitui elemento quase exclusivo na identificação das populações, definindo 'quem pertence e quem não pertence a um grupo étnico'” (Pinto 1996: 14), o que faz a escolha do *suahili* atuar nos dois elementos aqui analisados.

O reinício pepeteliano, portanto, ofereceria uma série de possibilidades de ajustes na sociedade, com direito a equidade entre diferentes grupos étnico-linguísticos africanos, a uma “antropofagia” cultural na formação da nova humanidade e a análise e reescrita da História – pontos para uma nova utopia de África.

### Traços de uma nova utopia

Discursos escatológicos pululam ao longo de toda a História da humanidade, mas intensificam-se particularmente em tempos delicados – e o fim destes, em geral, permitiria a instauração de uma nova e melhor era, a exemplo do Apocalipse cristão.

No caso da literatura, também percebe-se a recorrência da temática a ponto de, por exemplo, ser catalogada como *topos* literário pelo escritor chileno Roberto Bolaño.

Para ele, existem duas tradições literárias: a apocalíptica e a aventureira. Ainda que seu comentário seja acerca do que se escreve na América Latina, acreditamos poder estendê-lo, já que a justificativa pode ser encontrada em outros lugares, quiçá em todos os continentes: “son las dos únicas tradiciones que permanecen vivas (...) tal vez porque son las únicas que nos acercan al abismo que nos rodea” (Bolaño 2004: 215). Em suma, em meio à corrupção, violência, desigualdades, opressão, estresses, ansiedades, enfim, a uma desgraça generalizada sentida como sem solução, a saída para nos relacionarmos literariamente com a situação seria atualizá-la ou em desafios, perigos, riscos passados por um indivíduo ou por um reduzido grupo ou em calamidades, de maior abrangência.

Esse abismo, entendido como o caos da sociedade e nossa resposta a ele, é também analisado por Berman:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num

turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. (...) As pessoas que se encontram em meio a esse turbilhão estão aptas a sentir-se como as primeiras, e talvez as últimas, a passar por isso; tal sentimento engendrou inúmeros mitos nostálgicos de um pré-moderno Paraíso Perdido (Berman 2007: 24).

Essa tentativa de correção ou de escape das circunstâncias opressoras é recorrente em produções escatológicas, ou seja, aquelas que tratam de um fim do mundo em si ou do mundo como o temos, o que permitiria um novo período (cf. Le Goff 2003). Ao termos modificações dessa ordem, abre-se então espaço para uma elaboração teórica ou artística – mas sempre crítica em relação ao presente – de um novo *modus operandi* do homem no mundo. Em geral, um recomeço da humanidade trilhando um caminho que se considere ideal.

Inevitável é uma correlação entre discursos escatológicos e utópicos, pois ambos projetam, quer num tempo distinto, quer num espaço estranho, situações sociais ou políticas distintas das existentes. O filósofo esloveno Zizek, a partir da análise da escatologia do cinema catástrofe, observa:

Apparently it's so hard for us to imagine a new global utopian project based on work and cooperation, that the only way we can entertain the thought is to pay a mental price of extreme catastrophe. What fascinates me about disaster films is how circumstances of vast catastrophe suddenly bring about social cooperation. Even racial tensions vanish. It's important at the end of Independence Day that everyone pulls together - Jews, Arabs, blacks. Disaster films might be the only optimistic social genre that remains today, and that's a sad reflection of our desperate state. The only way to imagine a Utopia of social cooperation is to conjure a situation of absolute catastrophe. Disaster films might be all that's left of the utopian genre (Zizek 2003).

A produção pepeteliana em questão parece vir nesta esteira: após anos de lutas de libertação, a independência de Angola não conseguiu cumprir as promessas de dias melhores, da “geração da utopia”, de “uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o Paraíso dos cristãos, em suma” (Pepetela 1992: 202). É fato que tem havido mudanças significativas na vida dos habitantes, mas, ainda assim, está longe do projeto angolano aventado nos tempos da pré-independência. E aqueles que seriam os responsáveis por guiar o povo (o MPLA, desde a independência oficialmente no comando do país) têm sido vistos com certa desconfiança. Ainda que certamente, na prática, não seja em sua totalidade, os quadros governamentais são ao menos “sentidos” como corruptos, conforme atesta divulgação da ONG Transparência Internacional: em 2011, Angola foi classificado como o 16º país (de 182) mais

corrupto no setor público (Transparency International 2012).

De qualquer forma, contudo, a questão mais profunda parece estar nos modelos seguidos. Segundo Fanon, ainda que, à altura dos movimentos de libertação por parte de países africanos, fosse melhor a opção do sistema socialista em detrimento do capitalista, certamente haveria dificuldades para que o regime escolhido “funcionasse de modo válido”, para que pudessem

a todo o momento respeitar os princípios em que nos inspiramos[. Para tanto] temos necessidade de outra coisa além do investimento humano. Certos países subdesenvolvidos evidenciam nessa direção um esforço colossal. Homens e mulheres, moços e velhos, empenham-se com entusiasmo num verdadeiro trabalho forçado e proclamam-se escravos da nação. O dom de si e o desprezo por toda preocupação que não seja coletiva dão origem a uma moral nacional que reconforta o homem, lhe restitui a confiança no destino do mundo e desarma os observadores mais reticentes. Acreditamos, porém, que tal esforço não poderá prosseguir por muito tempo nesse ritmo infernal. Esses jovens países resolveram aceitar o desafio após a retirada incondicional do ex-país colonial. O país se reencontra entre as mãos da nova equipe mas na realidade é preciso retomar tudo, repensar tudo. O sistema colonial, com efeito, interessava-se por certas riquezas, por certos recursos, precisamente aqueles que lhe alimentavam as indústrias. Nenhum balanço sério fora feito até ao presente, do solo ou do subsolo. Além disso, a jovem nação independente vê-se obrigada a continuar os circuitos econômicos estabelecidos pelo regime colonial. Pode, com certeza, exportar para outros países, para outras zonas monetárias, mas a base de suas exportações não se modifica fundamentalmente. O regime colonial cristalizou circuitos, e a nação é obrigada, sob pena de sofrer uma catástrofe, a mantê-los. Talvez conviesse recomeçar tudo, alterar a natureza das exportações e não apenas seu destino, reinterrogar o solo, o subsolo, os rios e – por que não? – o sol. Ora, para tanto precisa-se de alguma coisa mais que investimento humano. Precisa-se de capitais, de técnicos, de engenheiros, de mecânicos etc... Digamo-lo: acreditamos que o esforço colossal a que os dirigentes convidam os povos subdesenvolvidos não produzirá os resultados esperados. Se não se modificarem as condições de trabalho, serão necessários séculos para humanizar este mundo tornado animal pelas forças imperialistas (Fanon 1979: 78-80).

Parece-nos que Pepetela concordaria com tal exposição. Ainda que o socialismo se mostrasse como a melhor alternativa,

há toda uma realidade que é mais forte. (...) As pessoas fazem acções

com um certo programa, explícito ou não, que não se realiza na sua plenitude. (...) É normal não atingir os 100 %. No caso duma revolução, quando se a sonha e ela está em plena acção, pensamos que tudo é fácil, que se vai conseguir. Mais tarde vê-se que nunca seria possível atingir o que havíamos programado (Pepetela *apud* Venancio 1992: 99).

Já consciente de todo o percurso e resultados de seu país nas últimas décadas, passa a propor reflexões ainda mais aprofundadas a respeito dos modelos. Em entrevista, o escritor afirma: “Temos que inventar o nosso próprio modelo, o nosso próprio sistema, político, económico etc. E quando digo 'nós', digo África. Que tem uma tradição política e económica e toda uma História diferentes das da Europa. Isso tem que ter algum peso quando se está a pensar em sistemas” (Pepetela *apud* Chaves & Macedo 2009: 48)<sup>11</sup>.

Daí, a nosso ver, derive o resgate, em *OQFM*, de elementos da história africana, de espaços do continente, da criação de uma nova vida a partir basicamente de pessoas africanas. Para corroborar, as abelhas (há alguns “sobreviventes” dessa espécie) que surgem naquele romance também poderiam irradiar esse sentido: inseto símbolo da antiga cultura egípcia e que possibilitaria a renovação da vida. Assim como o “quase fim do mundo” fora imprevisto, vemos uma proposta de interrupção de certa “previsibilidade” de conduta (seguir Europa e Estados Unidos) para se refletir e procurar por outras possibilidades – uma “oxigenação” das ideias e da dinâmica histórica.

Enfim, se por um lado a utopia de outrora não foi concretizada, por outro, uma vez encontrados os descompassos, poder-se-ia corrigi-los para um novo reinício.

## AFRICAN SPACES IN THE CONFORMATION OF A NEW UTOPIA IN PEPETELIAN NARRATIVE

**Abstract:** In his book *O quase fim do mundo* (2008), the Angolan writer Pepetela creates a restart to humanity with few African survivors to a hecatomb world. From travels and their motivations and consequences along the plot, we propose analyzing traces of a new utopia for the author. In our view, pepetelian reflection goes beyond the issue of an egalitarian community, in communist molds; also covers the need to think of a project for the country and/or Africa from History, models and values of their own cultures.

**Keywords:** Angolan literature; utopia; African territory.

<sup>11</sup> Remetemos à obra de Carlos Moore *O marxismo e a questão racial*: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão, que aponta críticas, a nosso ver contundentes, quanto à possibilidade do Socialismo em países africanos e outros locais de cultura “não-ariana”.

## REFERÊNCIAS

- ABDALA JR., Benjamin. *De voos e ilhas: literatura e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê, 2003.
- ANDRADE, Mário Pinto de. *Origens do nacionalismo africano: continuidade e ruptura nos movimentos unitários emergentes da luta contra a dominação colonial portuguesa: 1911-1961*. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOLAÑO, Roberto. *Entre paréntesis*. Barcelona: Anagrama, 2004.
- CABAÇO, José Luís. *Globalização ou recolonização*. Impreso, s/d.
- CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano. Entre intenções e gestos*. São Paulo: Coleção Via Atlântica, 1999.
- CHAVES, Rita; MACEDO, Tania. *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- DUTRA, Robson. O quase fim do mundo de Pepetela – Resenha. In: *O Marrare*, Rio de Janeiro: Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ, n. 10, 2009. Disponível em <[www.omarrare.uerj.br/numero10/resenha.html](http://www.omarrare.uerj.br/numero10/resenha.html)>, acesso em 25 nov. 2010.
- ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da literatura angolana*. Lisboa: Edições 70, s/d.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2 ed. Tradução: José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.
- LUGARINHO, Mario Cesar. Quem deve comer lagostas? Reflexões sobre os estudos pós-coloniais a partir de alguma ficção de Pepetela e Agualusa. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tania; VECCHIA; SILVA, Rejane (Org). *A kinda e a misanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo; Luanda: Cultura Acadêmica; Nizila, 2007.

MATA, Inocência. Liminaridades identitárias: para uma geocrítica do eurocentrismo. Comunicação apresentada em *Diálogos Impertinentes do IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa – Ouro Preto – 2010*.

MOREIRA, Sueli Aparecida. Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. In: *Ciência e Cultura*, São Paulo, vol. 62, n. 4, out. 2010. Disponível em <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252010000400009&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000400009&lng=en&nrm=iso)>, acesso em 12 out. 2011.

MPLA. Hino do partido. Disponível em <<http://www.mpla-angola.org/hino.php>>, acesso em 02 jan. 2012.

PADILHA, Laura Cavalcante. A força de um olhar a partir do sul. In: *Alea*, Rio de Janeiro, vol. 11, n.1, jun. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2009000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2009000100005&lng=pt&nrm=iso)>, acesso em 03 out. 2011.

PAQUOT, Thierry. *A utopia: ensaio acerca do ideal*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

PEIXOTO, Carolina Barros Tavares. *Geração da utopia: um projeto de formação da identidade nacional angolana e suas metamorfoses*. Caracas, 2006. Colección Monografía, n. 38, do Programa Cultura, Comunicación y Transformaciones Sociales, CIPOST, FaCES, Universidad Central de Venezuela. Disponível em: <<http://www.globalcult.org.ve/doc/Monografias/MonografiaPeixoto.pdf>>, acesso em 11 jan. 2012.

PEPETELA. *A geração da utopia*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

\_\_\_\_\_. *O quase fim do mundo*. Lisboa: Dom Quixote, 2008a.

\_\_\_\_\_. Folheando com... Pepetela. Portal da Literatura, 26 mar. 2008b. Disponível em <<http://www.portaldaliteratura.com/entrevistas.php?id=18>>, acesso em 24 jul. 2010.

PEREIRA, Moutinho. Um homem nos alicerces do mundo. In: BARRADAS, Acácio (ed). *Agostinho Neto: uma vida sem tréguas*. Lisboa/Luanda: 2005, pp. 91-113.

PINTO, Marcelo Bittencourt Ivair. "Introdução" e "Abordagem". *As linhas que formam o "EME"*. São Paulo, 1996. Dissertação (Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação, Universidade de São Paulo.



TRANSPARENCY INTERNATIONAL. Corruption perceptions index 2011. Disponível em <<http://cpi.transparency.org/cpi2011/results/>>, acesso em 6 jun. 2012.

VENANCIO, José Carlos. *Literatura e poder na África lusófona*. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

ZIZEK, Slavoj. Disaster movies as the last remnants of utopia. *Ha'aretz*, 14 jan. 2003. Disponível em <<http://www.haaretz.com/culture/arts-leisure/disaster-movies-as-the-last-remnants-of-utopia-1.22290>>, acesso em 19 ago. 2010.

---

ARTIGO RECEBIDO EM 27/08/2012 E APROVADO EM 26/09/2012.